

## FLORES TRANSPLANTADAS.

(Carta a Rangel de S. Paio)

Meu caro. — Vão surpreender-te estas letras, estou certissimo.

Tu que já tinhas entoadado um pesaroso de profundis sobre o meu dilettantismo litterario, que julgavas de todo agorentado pela leitura ensossa dos praxistas, tens de que maravilhar-te ao ver-me com o antigo despejo a trautear as velhas, arias de nosso repertorio.

O que queres? Isto de rabiscar papel é uma rabugice, uma infeliz mania que nos accommette uma vez e não mais nos abandona. E comtudo não me lamento por ser maniaco desta maneira. Ha peiores baldas.

E eu não sei em que o homem possa empregar melhor os resfolgos das suas lidas senão nos passatempos de sua maier predilecção.

Eis porque te vou hoje fallar das *Flores Transplantadas*, nome que o Sr. Dr. João Baptista Rigueira Costa deu a um volume de versos por elle traduzidos de alguns dos melhores poetas estrangeiros, e cujo apparecimento registro, em falta de quem melhor o possa fazer e o não tenha feito ainda.

Entre nós, e é já uma banalidade repetil-õ, não são as acerbos vehemências da critica o infortunio dos livros novos: o que os faz morrer para abi atascados no lixo das livrarias é a mingoa de critica, não dessa que se esterilisa em encomios inemeritos e atoleimadas blandicias, mas da que sabe joeirar na seara alheia com probidade e independencia.

Raro, rarissimo é o trabalho litterario, cujo apparecimento tenha outra menção além das breves e consagradas palavras de um noticiario, quando as tem.

E comtudo ha tanto quem escreva e tanto quem critique!

E' incrivel.

Parece que á porfia trabalhamos todos para deixar no esquecimento o esforço do infeliz que, além do arrojo inaudito de escrever com risco de não encontrar leitores, se aventura ainda nos mares terriveis da publicidade, tão cara e difficil sempre, que é para quebrantar o animo aos mais corajosos!

O agenciar um autor subscriptores para um livro seu é uma tarefa tão humilhante como a do individuo que pede pão para matar a fome. E' menos indecoroso o ir-se uma pessoa de porta em porta a solicitar para a classica *missa pedida*.

Os que aqui subscrevem para a publicação de um livro qualquer, fazem-n'o quasi sempre por uma especie de condoimento e benevolencia para com o auctor, que—pobre diabo!—a mais de incommodar os felizes, que nunca sentiram pesadelos de autoria, além do rol da roupa suja, é ainda lastimosamente defraudado.

De feito, rara é a publicação nessas deploraveis condições—e nós não temos outras—que não deixe, em vez de lucro, prejuizo ao que a faz. E é facil calcular-se.

Um livro de 160 a 180 paginas, impressão pouco nitida, custa-nos 600/000, pelo menos. Vendem-se no maximo, 200 exemplares á razão de 3/000 cada um, o que dá exactamente o preço da impressão: mas destes 200 exemplares vendidos 50 são incobráveis; logo: em vez de ganho que compense algumas noites mal dormidas e

as cogitações de muitas horas, de muitos annos, ás vezes, acontece que o misero autor fica ainda prejudicado em 150/000!

Pedio, humilhou-se, amofinou-se, e para que? Para pagar ao typographo e ao commerciante de papel, perdendo além do seu trabalho, uma quantia que em toda a sua carreira litteraria difficilmente chegará a ressarcir.

Perlõe-me, caro amigo, estas minudencias arithmeticas, mas punge-me a sorte desses infelizes mineiros do pensamento, que, como os outros mineiros, são martyres de uma civilisação rudimentaria de mais para reconhecer-lhesos beneficios.

Sabes bem que não declamo, porque odeio as declamações, mas digo a verdade franca e lisamente como a sinto fallar-me ao contentimento.

Talvez outrem, que não fosses tu, me dissesse que a gloria é inimiga do dinheiro, e que o escriptor bem aceito e considerado do publico experimenta com isto só uma satisfação tamanha, que de certo modo o compensa da escassez dos lucros temporaes, para dar á phrase um tom da época.

E' verdade que o homem que escreve não creio eu que o faça movido sómente pelo espirito de ganancia, seria amesquinhar a sua missão que tem por alvo o Justo e o Bem. Mas como ha de o pobre escriptor alentar-se sómente de suas grandes intenções? E por outro lado como ha de a aceitação publica manifestar-se senão comprando-lhe os livros e dando-lhe o preço delles?

A gloria pura e extremma de feias materialidades ficou de todo desacreditada, depois que uns certos sujeitos muitos nossos conhecidos foram por amor della morrer na enxerga do hospital.

Vieram-me não sei se ao acaso, se de proposito estas reflexões quando folheava o livro do Sr. Dr. Rigueira Costa, livro que tú, como eu, deves ter lido d'um folego; não só, e principalmente, porque os versos que o compõem seduzem a attenção, mas porque até a sua forma material é attraente.

Sem ser uma edição de luxo, a das *Flores Transplantadas* é simples e elegante.

As traducções do Sr. Dr. Rigueira Costa são em geral excellentes, sobre tudo pela fidelidade que guarda aos autores, dos quaes traslada.

E' isto um raro predicado no meu entender. Repillo o servilismo de uma traducção interlinear; que de modo algum é consoante com o engenho do traductor, quando este é poeta como o Sr. Dr. Rigueira, mas tambem nos parece cousa pouco conscienciosa o andar-se a levantar testemunho falso a quanto escriptor nos dá na veneta interpretar.

O livro contém traducções de Victor Hugo, Lamartine, Byron, Baudelaire, Musset, Murger, Mery, Chenier, Gauthier, Beranger, Millevoye, Schiller, Spencer, Rouget de L'Isle, Laménais, Moore, Voltaire, Petrarcha, Potvin, Mickiewicz, Soulayr, e, finalmente, de François Coppeé, poeta de novissima escola, e o mais positivista de quantos tenho lido até hoje. Não me é possivel apreciar uma por uma, porque nem todas pude confrontar com os originaes, uns porque os não tenho á mão, e outros porque são escriptos em idiomas nos quaes não sou versado.

Um canto da festa de Nero offerecida pelo Sr. Dr. Rigueira á memoria do chorado autor das *Espumas Fluctuantes*, parece-me digna de especial menção.

O *Mergulhador*, soneto do poeta da *Vida da Bohemia*, d'aquelle excellente Murger, que tão bons versos nos deixou, tam-

bem me parece felizmente traduzido. Byron, nas *Melodias Hebraicas* foi bem interpretado pelo Sr. Dr. Rigueira Costa; mas a meu ver, melhor interpretação teve Lamartine, talvez por afeiçoar-se mais o autor das *Confidencias* indole poetica á do proprio traductor.

Chamo a tua attenção para a poesia o *Repuxo*, traduzida de Baudelaire—o terrivel cultivador das *Flores do Mal*.

Ha um ponto em que talvez as traducções do Sr. Dr. Rigueira devam incorrer em censura, e vem a ser, um certo descuido de arte, em que ás vezes cai, e o qual é condemnavel, principalmente quando se trata de poetas, que, como Gauthier, prestam maior cuidado á forma do que á idéa.

De quantas versões tenho lido da celebre *Marselheza* é talvez a melhor a que se acha á pagina 47 das *Flores Transplantadas*, mas assim mesmo para que occultal-o? — não gostei de a ver na collecção.

As palavras do soberbo hymno de Rouget de L'Isle, desacompanhadas do fogo que a musica lhes communica, e lidas agora ha quasi um seculo de distancia do sublime enthusiasmo que as concebeu, tornam-se d'uma gelidez que destõa enormemente com a epigraphique trazem.

Poesia de occasião, filha de uma época anormal, quasi nulla de valor litterario, só a musica tem o poder de communicar-nos o fogo da inspiração que a produzio.

Em resúmo, digo-te que as *Flores Transplantadas* são mui dignas de ler-se e qua o Sr. Dr. Rigueira Costa prestou um bom serviço ás letras patrias, que já lhe são devidoras de grandes obsequios pelos seus trabalhos historicos e biographicos, lidos no Instituto Archeologico desta provincia, e os quaes pretende autor condensar em seu livro, que será em breve dado á estampa.

Teu ex-corde,

A. de Souza Pinto.